

# MODIFICAÇÕES NAS RELAÇÕES DE TRABALHO E SUA CONTRIBUIÇÃO NA ALTERAÇÃO DO ESPAÇO URBANO DO MUNICÍPIO DE ITAMBÉ/BA

Fabiana Santos Gomes<sup>1</sup>

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca abordar as alterações nas relações de trabalho no Mundo Contemporâneo e suas repercussões no Município de Itambé, objeto de estudo desta análise. Assim, pretende-se entender e desvendar as complexas relações de trabalho neste município a as alterações impostas pelas mudanças ocorridas no processo produtivo, dada à mobilidade de população do campo, onde desenvolviam atividades tipicamente agrícolas, em direção a cidade, onde passam a se inserir (pelo menos parte destas pessoas) no mercado de trabalho tipicamente urbano, com destaque para o desenvolvimento de atividades comerciais e industriais.

Neste processo, destacam-se as novas exigências impostas ao trabalhador, dadas necessidades de novos conhecimentos o que impõe maior qualificação para determinadas funções. Além disso, cabe-nos destacar o caráter seletivo do mercado de trabalho que, automaticamente, não insere toda população expulsa do campo, ou mesmo existente na cidade, selecionando os trabalhadores com “melhores” condições em desempenhar as tarefas necessárias; facilitando o crescimento do exército de reserva de trabalhadores e criando condições favoráveis para a degradação das condições de trabalho, por via da exploração, o que repercute, diretamente, na remuneração dos trabalhadores.

Embora, no município de Itambé estas questões difiram da intensidade em que ocorrem nas grandes cidades brasileiras, já é possível identificar alguns dos seus aspectos no município em estudo; onde a especialização produtiva voltada a criação de gado leiteiro e de corte, que vai se consolidando nas propriedades de produtores com melhores condições para implementar o processo de “modernização” em curso no campo, vem atraindo para a região, e para o município, o desenvolvimento de outras atividades ligadas a produção agrícola como as indústrias de leite, couro, sapatos, e outros; bem como a diversificação de comércio, tanto voltado a produção – maquinarias, insumos, como outros tipos de comércio e serviços.

A partir de então, esta proposta de pesquisa pretende analisar a oferta de trabalho gerada pela territorialização de pequenas indústrias no Município, ligadas a produção

---

<sup>1</sup> Graduanda de Geografia da UESB fabianagomes7@hotmail.com.br

agrícola; bem como a diversificação do comércio e serviços, tendo em vista as suas diferentes fases, verificando como essas novas relações de trabalho vem contribuindo para a alteração da atual configuração do espaço urbano.

A opção de método adotada por este estudo parte do materialismo histórico e dialético, dadas possibilidades de, a partir deste, entender a produção do espaço geográfico com base no seu movimento, suas ações, suas contradições. Para isto, torna-se necessário ir além dos aspectos formais (aparentes) que compõem o espaço, sendo necessário buscar a sua essência, sua totalidade, onde as contradições existentes na relação capital x trabalho afloram. Quanto ao método de pesquisa, que destaca a parte operacional da pesquisa, pretende-se equacioná-la a partir de algumas etapas, dentre as quais:

- Definição do tema: onde optou-se por analisar as modificações nas relações de trabalho e sua contribuição na produção do espaço urbano, no município de Itambé/BA;
- Identificação do Problema de pesquisa – onde foi definido como problema principal: Qual a relação existente entre as relações de trabalho (travadas historicamente pelos homens no processo produtivo) e a produção do espaço urbano, no Município de Itambé/BA?
- Levantamento Bibliográfico – que tem por finalidade dar fundamento teórico e conceitual ao tema tratado, o que será realizado através de consulta a livros, artigos, periódicos e sites especializados.
- Definição do universo da pesquisa – a pesquisa será realizada junto à população na área urbana que estabelecem relações de trabalho nas indústrias, no comércio e serviços na cidade de Itambé. Como o objetivo da pesquisa é, sobretudo, qualitativo, optar-se-á por uma amostragem não probabilística, bastante utilizada pelas pesquisas realizadas nas ciências sociais (GIL, 2003). Pretende-se, em princípio realizar entrevistas junto a 150 trabalhadores, o que permitirá, acredita-se, adquirir todas as informações que se fazem necessárias ao desenvolvimento desta pesquisa.
- Coleta de Dados – serão coletados através de formulários e entrevistas realizadas junto aos trabalhadores.
- Tabulação e Análise dos dados – Após a coleta de dados será feita a tabulação (através do programa Excel) e representação dos resultados, que podem ser representados de diversas formas: gráficos, mapas, tabelas e outros. Feito isto, os resultados serão analisados e interpretados. Logo após os resultados serão apresentados e concluídos.

Outra questão a ser abordada com relação aos setores de serviços do Município é entender como estes possibilitam a mobilidade da população, quais as suas expectativas com relação ao mercado de trabalho, quais as condições de trabalho apresentadas ao trabalhador; analisando ainda até que ponto há uma relação de dependência entre o Município de Itambé com as cidades vizinhas.

Dessa forma, o enfoque maior desse trabalho é verificar estas novas relações de trabalho existentes no município (sobretudo na cidade), analisando de que modo estas novas fontes empregatícias vêm contribuindo para a permanência da população local e como as pessoas, através do trabalho, vêm promovendo uma nova configuração urbana.

## **1.0 - A PRODUÇÃO DO ESPAÇO GEOGRÁFICO ATRAVÉS DO TRABALHO HUMANO**

A produção do espaço geográfico pode ser entendida a partir da atuação de diversas ações que se configuram em diferentes formas, o que expressam, por sua vez, o estabelecimento de relações sociais, que se dão historicamente, por via do processo do trabalho.

O homem é o principal agente transformador desse espaço, uma vez que ele ao longo de sua história vem procurando desenvolver formas para se estabelecer diante dos problemas comuns à vida social, que ocorrem no cotidiano em reprodução da natureza e da sociedade.

Segundo Horieste Gomes (1990), interdependente do espaço e tempo geográfico, o homem através da produção de seu trabalho social tem estado em condições muitas vezes superior na proporção em que transforma as duas categorias (física e social) numa única natureza.

*Em sua caminhada pelo meio geográfico e por intermédio de seu “trabalho socialmente necessário”, o homem dá forma a sua condição de ser social, e de agente da história, criando o progresso em suas múltiplas modalidades. Modalidades essas em diferentes formas de consciência social (política, jurídica, ideológica, científica, educacional, ética, estética, religiosa, etc) e que têm na produção material, suporte de base para seu desenvolvimento progressivo. (GOMES 1990, p.09).*

Nesse contexto, o trabalho tem representado uma condição fundamental, já que este vem influenciando a longo tempo o desenvolvimento diferenciado da humanidade.

Percebe-se que a história do trabalho se inicia quando o homem busca meios de satisfazer suas necessidades (inicialmente); essa se reproduz historicamente em toda a

ação humana, visto que o homem por meio deste busca continuar a sua sobrevivência e estabelecer-se na sociedade. Entretanto, ao longo do tempo, estas satisfações que deveriam ser dadas no processo produtivo deixam de ser para a simples necessidade e passam a ter um caráter de acumulação – dada pelas demandas crescentes de uma determinada classe social.

A partir do desenvolvimento da agricultura, em algumas civilizações, surge a divisão do trabalho, sendo que esta, segundo pesquisas antropológicas, não ocorre em todas as culturas e, provavelmente, ao mesmo tempo, surge a noção de propriedade privada e de produto excedente; assim são criadas as condições para a formação de uma classe ociosa. Essa classe é representada pelos proprietários dos meios de produção, detentores da força produtiva e do que se produz e, conseqüentemente, do lucro obtido pela comercialização e pela produção excedente.

*O trabalho do homem aparece cada vez mais nítido quanto mais clara for a intenção e a direção do seu esforço. Trabalho neste sentido possui o significado ativo de um esforço afirmado e desejado, para a realização de objetivos; onde até mesmo o objetivo realizado, a obra, passa a ser chamado trabalho. (ALBORNOZ 1986, p.12).*

Nesse sentido, pode-se compreender o significado do trabalho como o de um esforço aplicado à produção, que serve para beneficiar e gerar riquezas a uma minoria, pois a grande parcela da força de trabalho, recebe em proporções inferiores ao que produziu.

## **1.2 AS RELAÇÕES DE TRABALHO NO MODO CAPITALISTA**

No fim da Idade Média o domínio burguês do trabalho percorreu uma trajetória que se inicia no crescimento das populações das cidades, ocasionando mudanças no modo de produção feudal, criando as condições para a transição para o modo de produção capitalista.

Na Idade Moderna, com a expansão crescente dos mercados, a própria manufatura tornou-se insuficiente para atender às exigências do consumo, surgindo assim, as possibilidades para uma inovação tecnológica, dada as demandas impostas pelas classes privilegiadas – donas dos meios de produção; o que promoveria o crescimento da produção, em menor tempo, aumentando seus lucros. Assim, financiada pela burguesia, surge a indústria urbana para acelerar a produção e conseqüentemente o desenvolvimento do comércio e de outros setores; a partir de então, ocorrem mudanças ainda mais significativas em toda a sociedade.

Segundo Oliveira (2003), o capital imprime um caráter cosmopolita à economia. Assim, o progresso econômico é acelerado e as relações do comércio são ampliadas, mas o progresso social não acompanha o mesmo ritmo. O trabalhador torna-se apêndice da máquina e a sua capacidade produtiva é condicionada à noção de lucro. Dessa forma, se estabelece o domínio do trabalho pelo capital e a mais valia torna-se marca registrada da legitimação do sistema capitalista. Nesse contexto, Oliveira ao analisar os sistemas de produção anteriores, observa o conceito de trabalho e o compreende no sistema capitalista como uma atividade desenvolvida pelo homem, sob determinadas formas para produzir riqueza.

*Nos processos de produção anteriores, o escravo, o servo de gleba, o artesão são categorias que se confundem com um sistema individualizado de produção de riqueza com mecanismos de compulsão. O capitalismo veio e libertou o trabalhador dessa compulsão, derrubando os privilégios das profissões e proclamando a liberdade total da indústria e do trabalho. Essa liberdade, contudo, acaba por determinar o enriquecimento das classes dominantes, já que a própria liberdade era móvel da competição no mercado de trabalho emergente no capitalismo. (OLIVEIRA, 2003, p.79).*

Para Silva (2001) citada por Souza (2004) no processo produtivo está presente uma das grandes contradições da relação de produção capitalista: neste o ser produtivo é o homem que trabalha, mas este ao mesmo tempo se nega, por que é só sustentáculo da força de trabalho que ele vendeu para o agente indireto da produção, o qual é dono dos instrumentos e do material de produção – que comanda o processo produtivo e dispõe como quer da força de trabalho – que lhe pertence como mercadoria, que ele adquiriu no mercado numa relação de troca. Entretanto, o produtor direto – o trabalhador que produz – não retém para si nada do que faz com suas mãos e com seu cérebro. Assim, não se identifica com o que produz, o resultado da sua produção lhe é estranho. Já o produtor indireto, que está ausente da produção material, só dirige, ao contrário, é o verdadeiro proprietário de tudo que foi produzido; tudo legalmente lhe pertence. O produto final que sai de circuito produtivo, que contém valor capitalista, é seu.

À medida que a humanidade se desenvolve acompanhando de todos os segmentos da sociedade, e dos interesses do capital, percebe-se que o trabalho humano tem se tornado fator relevante para a produção do espaço, sobretudo do espaço urbano.

Ao mencionar o espaço urbano torna-se necessário, apresentar alguns conceitos do espaço geográfico, que possam facilitar a sua compreensão e a sua dinâmica. O conceito de espaço é dotado de grande confusão e diversidade entre os estudiosos do

tema e isto ocorre na medida em que o vocábulo espaço é composto por diversos significados. Entretanto, cada uma das ciências adotou um enfoque e uma epistemologia particular. Neste sentido, Moraes (1993) destaca que com relação a Geografia o espaço que a interessa é o espaço social; produzido pelas relações sociais que se dão ao longo da história.

Milton Santos (1997) considera o espaço como um fator da evolução social e não só uma condição. A essência do espaço é social, sendo formada pela natureza e pela sociedade; logo a sociedade atua sobre o espaço deixando suas marcas com o produto do trabalho, dando ao meio físico uma nova forma.

*Assim, temos paralelamente, de um lado, um conjunto de objetos geográficos distribuídos sobre um território, sua configuração geográfica ou sua configuração espacial e a maneira como esses objetos se dão aos nossos olhos, na sua continuidade visível, isto é, a paisagem; de outro lado, o que dá vida a esses objetos, seu princípio ativo, isto é todos os processos sociais representativos de uma sociedade em um dado momento. Esses processos, resolvidos em funções, se realizam através de formas. Estas podem não ser originariamente geográficas, mas terminam por adquirir uma expressão territorial. Na verdade sem as formas, a sociedade, através de funções e processos, não se realizaria... (SANTOS 1997, p.01).*

Sendo o espaço uma construção social, conseqüentemente, se torna dinâmico, isto porque cada homem e cada sociedade é quem define e se apropria do espaço (mas não todos da mesma forma e com as mesmas intensidades), e esse dinamismo se dá na forma de transformação em que o espaço está submetido, seja ele qualitativo ou quantitativo.

Assim, numa perspectiva da Geografia crítica o espaço é concebido como laços da reprodução da sociedade, a partir das relações sociais de produção, ou seja, da própria reprodução da sociedade.

Lefebvre (1996) compreende o espaço como espaço social vivido, percebido e concebido – que mantém estreita relação com a prática social. Para ele, o espaço não deve ser visto como absoluto, “vazio e puro”, nem como um produto da sociedade. Para Lefebvre o espaço além de englobar esta concepção, a ultrapassa também:

*Do espaço não se pode dizer que seja um produto como qualquer outro[...] uma mercadoria ou conjunto de mercadoria. Não se pode dizer que seja simplesmente um instrumento, o mais importante de*

*todos os instrumentos, o pressuposto de toda a produção e de todo o intercâmbio. Estaria essencialmente vinculado com a reprodução das relações (sociais) de reprodução ( LEFEBVRE apud SANTOS 1996, p.34).*

Nas abordagens da Geografia tradicional, o espaço é apresentado de maneira simplificada, onde as ações sociais são colocadas em segundo plano; assim, o homem é visto como mais um elemento da natureza, como sendo parte do espaço. Nesta prevalece à concepção da Geografia enquanto estudo da natureza, onde o espaço é visto enquanto espaço natural. Esta é uma visão difundida por interesses de classes sociais que objetivam colocar o espaço como algo externo à sociedade, o que é incorporado à linguagem científica. Ainda nessa linha de pensamento, pode-se encontrar análises diferenciadas, com destaque a obra de Ratzel que busca compreender o espaço numa visão mais territorial, sendo este necessário ao desenvolvimento tecnológico para benefício da sociedade. Seria então uma relação de equilíbrio entre a população e os recursos, medida pela capacidade técnica.

Retomando o pensamento de Milton Santos (1997), ele considera que o espaço é formado de dois componentes: configuração territorial e a dinâmica social, estes, por sua vez, encontram-se a todo instante se interagindo. A configuração territorial é formada pelo arranjo dos elementos naturais e artificiais sobre o território, enquanto que a dinâmica social é o conjunto de variáveis.

### **1.3 O TRABALHO E A PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO**

O espaço total é constituído de subespaços (urbano, rural etc.). Entretanto, o subespaço urbano possui condições que faz com que mantenha relações com os outros subespaços. Sendo assim, o espaço urbano é fragmentado, articulado, reflexo, condição social, campo simbólico e de lutas; evidenciando a riqueza de como é considerado.

Ao caracterizar o espaço urbano, percebe-se que este é fragmentado pela justaposição de diferentes formas que o constituem. Essa fragmentação é decorrente da ação de diversos agentes e relações sociais, no qual o trabalho está inserido, já que é através dele que historicamente os homens promovem modificações no espaço urbano.

Por outro lado, o espaço urbano, além de ser fragmentado, é articulado. Isto significa que cada uma das partes da cidade mantém relações umas com as outras. Esta articulação se dá através de fluxos de veículos e pessoas; é a expressão espacial de processos sociais.

Segundo Côrrea (1997) o espaço urbano é um reflexo tanto de ações que se realizam no presente, como também daquelas que se realizaram no passado e que deixaram as suas marcas impressas nas formas espaciais presentes. Nesse sentido, o

espaço urbano pode ser reflexo de uma seqüência de formas espaciais que coexistem lado a lado, cada uma sendo originária de um dado momento.

O espaço urbano é um condicionante social e isto se dá através das obras e das formas espaciais que são fixadas pelo homem e que são desempenhadas nas condições e relações de produção. O espaço urbano é o lugar onde diferentes grupos sociais vivem e se reproduzem. É um campo simbólico que tem significado diferente para os diversos indivíduos que o compõem. Assim, o espaço da cidade é objeto de lutas sociais, por ser fortemente fragmentada.

*Eis o que o espaço urbano: fragmentado e articulado, reflexo e condicionante social, um conjunto de símbolos e campo de lutas. É assim a própria sociedade em uma de suas dimensões, aquela mais aparente, materializadas nas formas espaciais(... ). (Côrrea 1997, p.09).*

O espaço urbano capitalista que é constituído de várias características: é resultado de ações que foram acumuladas através do tempo; é um produto social, sendo engendradas por agentes modeladores que produzem e consomem o espaço. A ação desses agentes (proprietários dos meios de produção, Estado e os grupos excluídos) desenvolve estratégias e ações concretas de organização, moldando a cidade de acordo com os seus interesses. É complexa e deriva da dinâmica de acumulação de capital, da reprodução das relações sociais e de produção e dos conflitos das classes.

Nesse contexto, observa-se que o processo de trabalho com as suas diferentes tendências e fases, situa-se no cerne da estrutura social, principalmente das cidades, que sofre maior influência destas relações e de certa forma vem contribuindo na alteração do espaço urbano.

## **2.0 INFORMAÇÕES GERAIS SOBRE DO MUNICÍPIO DE ITAMBÉ/BA**

O município de Itambé está situado no sudoeste da Bahia. Com uma altitude de 360 m em relação ao nível do mar e possui uma área de 1.626,4 km quadrados; limita-se com os municípios de Vitória da Conquista, Encruzilhada, Barra do Choça, Itapetinga, Caatiba, Macarani e Ribeirão do Largo.

A população de Itambé, segundo dados do censo de 2000 era de 33.110 habitantes, sendo que 22.175 residente na área urbana e 8.6754 na área rural. A divisão administrativa ocorre da seguinte forma: Itambé é a sede do município e tem dois distritos: Catolezinho e São José do Colônia. Economicamente, o município cresce de forma lenta, e segundo dados do IBGE (2004), dos 415 municípios da Bahia, Itambé encontra-se na 115ª posição no desenvolvimento econômico e social. A sua economia está voltada a pecuária,



destacando-se também na indústria de transformação, principalmente de calçados e laticínios .

No que diz respeito á paisagem natural, possui um clima semi-árido e seco a subúmido. A temperatura média anual é de 22.4°C; máxima de 27.8°C, com índice pluviométrico médio de 709 a máxima de 1306 e mínima de 334 ao ano. Predominam três tipos básicos de vegetação: Floresta ombrófila, Floresta estacional semidecidual, Floresta estacional decidual, Floresta submontana. Seu relevo é caracterizado pelo Piemonte Oriental do planalto de Vitória da Conquista, sendo este a parte mais acidentada, Depressão de Itabuna-Itapetinga e Planalto do geraizinhos. Referindo-se a geologia, o município de Itambé registra a ocorrência de minerais como: quartzo-feldspato, gnaisses, quartzo biotita, rochas ultrabásicas e ainda mica, columbita, berilo, água marinha, turmalina, ametista, caulim e calcário. A hidrografia é formada pelos rios: Pardo, Verruga, Córrego Santa Maria e Córrego Riacho Seco.

## **2.1 A FORMAÇÃO DO MUNICÍPIO DE ITAMBÉ/BA**

Para compreender a organização do espaço urbano de Itambé faz-se necessário um levantamento histórico do município, para um melhor entendimento de como o mesmo se organizou ao longo dos tempos, ressaltando a importância de como as atividades econômicas: pecuária, agricultura de subsistência e pequenas indústrias foram introduzida no município, e como as relações de trabalho através dessas atividades contribuíram na produção do seu espaço urbano.

A formação do município de Itambé está totalmente ao Município de Vitória da Conquiata, já que durante muitos anos, Itambé foi um dos seus distritos. O ano de 1730, quando começaram a chegar ao Planalto da Conquista as primeiras expedições que partiam de Minas Novas, então pertencente à Capitania da Bahia, o "Sertão da Ressaca" (região que se situa entre os rios Pardo e das Contas, grosso modo, o Planalto da Conquista) era povoado por diversas tribos indígenas. Dentre elas destacam-se os Emborés, os Pataxós e os Mongoiós. Estes últimos tinham uma aldeia no local aonde viria a surgir o município de Vitória da Conquista que posteriormente deu origem a outros municípios, dentre eles Itambé.

O marco histórico da vitória dos conquistadores sobre os indígenas é o ano de 1752, quando o bandeirante João da Silva Guimarães, acompanhado do capitão do terço dos Henriquinos, João Gonçalves da Costa venceu batalhas decisivas contra os índios. Desde os primeiros contatos, porém, os aborígenes reagiram em defesa do seu território. Os primeiros tempos do Arraial da Conquista são marcados por "um conjunto de guerrilhas cruéis, onde as tribos foram dizimadas pela força das armas, da exploração e pela disseminação de doenças contagiosas". Os índios que ocupavam o território entre os rios

das Contas e Pardo foram, finalmente, submetidos em 1806 pelo Capitão João Gonçalves da Costa, no lugar onde fundou o Arraial da Conquista, cujo nome lembra o seu feito. O chamado "Banquete da Morte" exemplifica a forma de conquista da terra aos indígenas. O capitão João Gonçalves da Costa, principal desbravador da região, convida os Mongoiós para uma festa com cachaça previamente envenenada. Enquanto os índios se divertiam, tiveram ainda seus arcos destruídos, tornando-se presas fáceis para os "bravos" homens do capitão. Os que não morreram envenenados foram cercados e assassinados com armas de fogo.

O rei concedia aos chefes dessas expedições as terras conquistadas, como sesmarias; propriedades enormes, às vezes equivalentes a vários municípios (e que de fato vieram a dar origem a muitos deles), e o poder sobre os índios, que eram usados nas fazendas construídas, como escravos. A carta régia de 13 de maio de 1808, declarando guerra ofensiva aos Botocudos (Aimorés), permitiu o apresamento dos índios e sua utilização gratuita nos serviços particulares dos comandantes das guerras.

O ouro, como força econômica, foi o primeiro motivo que levou os bandeirantes a penetrar nessa região. Mas o ouro não apareceu em abundância nas terras conquistadas e os conquistadores tiveram de optar por outras formas de riqueza da terra: a pecuária e a agricultura.

O mais importante, no entanto, é o fato de que, a partir da segunda metade do século XVIII começou a desenvolver-se um núcleo de povoamento em construção. O arraial desenvolveu-se lentamente, tendo como centro da economia a venda do algodão produzido na região e a passagem das boiadas, que seguiam do interior em direção a capital, Salvador.

Dessa forma pode-se afirmar que as origens do núcleo populacionais estão vinculadas a busca de ouro, a introdução das atividades agrícola e pecuária e ao próprio interesse da metrópole portuguesa em criar um povoado que ligasse a região litorânea e o interior do sertão. Portanto, integra-se a expansão do ciclo de colonização dos fins do século XVIII. Segundo Sousa:

*Para o governo português, a abertura de estradas pelo sertão significaria desenvolvimento de povoados e possibilidades de transportes de gêneros para as vilas litorâneas, cidades da Bahia e à fronteira Capitania de Minas Gerais ou mesmo em sentido inverso. Aliados a este movimento, outros agiram paralelamente, impulsionando a abertura de caminhos essenciais na integração da capitania baiana, através do comércio de gado, exploração de minas ou combate aos índios. (2001 p.95).*

Em meados do século XVIII, por volta do ano 1752, a coroa desejosa de promover a abertura de estradas para o litoral, ligando Vitória da Conquista a Ilhéus, resultou a abertura de estradas, hoje a atual BA 263. Em 1890, uma grande seca assolou o alto sertão baiano, dificultando assim a sobrevivência daqueles que residiam nas terras recém conquistadas. À procura da costa e também de melhores condições, após longas semanas de viagem, encontraram uma região ideal para começar uma vida nova, onde se instalaram dando origem ao povoado de Verruga.

Os solos predominantes do povoado foram caracterizados como Podzólico Vermelho-Amarelo eutrófico, Podzólico Vermelho-Amarelo distrófico, Latossolo Vermelho-Amarelo álico, considerados de ótima qualidade para a lavoura e para a pecuária, constituíam um incentivo à produção, atraindo inúmeros colonos. O povoado cresceu e progrediu, e em 1927 através de Decreto Estadual foi criado o município de Itambé. Desta forma a agricultura e a pecuária foram introduzidas no município, quando os colonizadores se apossaram da terra. A economia estava centrada na criação de gado, feita em latifúndios. As famílias dedicavam-se a criação de gado, assim como os primeiros proprietários rurais. O gado não era destinado apenas a produção de carnes, mas também a produção de couro que era seco e exportado. A dinâmica da economia concentrava-se nas fazendas responsáveis pela produção de sua própria subsistência, em razão do isolamento e como forma de economizar produziam os gêneros de primeira necessidade, especialmente milhos, café, mandioca, aipim, batatas, dentre outros. Posteriormente a pecuária se expandiu, incluindo o município entre os maiores produtores de leite e derivados do interior da Bahia. Desta forma foram introduzidas pequenas indústrias de laticínios nas fazendas da região, modificando as relações de trabalho que se baseavam praticamente na agricultura de subsistência. A comercialização desses produtos para cidades vizinhas e também para o consumo, melhoraram as condições econômicas do município, atraindo assim, investidores para explorar outros recursos naturais, como madeira, extrativismo mineral.

É muito óbvio que a formação das pequenas indústrias de transformação no município esteja vinculada a concentração de capital e meios de produção nas mãos dos proprietários e por outro lado da mão-de-obra, que embora até a década de noventa representava uma pequena parte dos trabalhadores, mas ao mesmo tempo um número significativo para a produção; outro fator relevante é a utilização dos recursos naturais disponíveis, associados a garantia de um mercado consumidor que gera de certa forma renda para o município. Diante dessa perspectiva, inúmeros setores de serviços se instaram no município, para atender as necessidades da população que muitas vezes se deslocava a cidades vizinhas para atender as suas necessidades. Houve também um desenvolvimento significativo no pequeno comércio local.

Ainda na década de noventa foram instalados dois núcleos de produção de calçados, gerando mais de 400 empregos diretos e indiretos no município. A produção é comercializada a nível estadual e inter-estadual. Outro setor que merece destaque é a produção de confecções e vestuários que geram mais de 120 empregos diretos e garantem as pequenas empresas a comercialização de seus produtos no município e também a cidades vizinhas.

Todos esses indicadores contribuíram para que as relações de trabalho fossem aos poucos sendo alteradas, principalmente do deslocamento de muitas famílias do campo para a cidade, causando de fato uma alteração no espaço urbano. Essas mudanças, contribuíram para a formação de novos bairros, e conseqüentemente para o crescimento urbano; o que não significa que este acompanhou as condições econômicas favoráveis a uma pequena parcela da população. Segundo Carlos:

O processo de trabalho consubstancia-se como a mediação entre espaço e sociedade. Deste modo, no cerne da discussão do espaço geográfico como produto social, coloca-se, necessariamente, a discussão do trabalho enquanto mediação da relação sociedade-espaço, e elemento do movimento de transitoriedade. O processo de trabalho não só determina a natureza social do espaço geográfico como sua forma de apropriação (1992, p.16).

Nesse contexto, verifica-se que o espaço urbano é construído e reproduzido pela atuação humana. Ana Fani Carlos ressalta ainda que o espaço por outro lado passa a ser produzido em função do processo produtivo geral da sociedade. É assim um produto histórico que sofre um processo de acumulação técnica cultural apresentando a cada momento as características e determinações da sociedade que o produz.

## **CONCLUSÃO**

Todo espaço urbano é constituído através de transformações que se dão a partir de uma dinâmica social que, muitas vezes, não é conhecida e compreendida por sua população, pelo menos em sua totalidade. Com base nesse conhecimento é que se buscou resgatar as atividades sócio-econômicas, as relações de trabalho e a configuração do espaço urbano no Município de Itambé – BA, através de um estudo do seu processo histórico. Assim, a necessidade de compreender como se deu a construção do espaço urbano, a partir das relações de trabalho, e como se processaram tais mudanças, ao longo dos tempos, causou interesse para a execução dessa pesquisa.

A importância desse estudo pode ser verificada a partir da necessidade em se entender como as relações de trabalho, historicamente travadas pela sociedade local, promoveram a produção do espaço, e dos espaços rurais e urbanos; bem como as transformações verificadas no processo produtivo, a partir de novas demandas produtivas e deslocamento do eixo econômico do campo em direção a cidade, com o desenvolvimento de atividades ligadas a criação de gado leiteiro e de corte, que vai promover uma industrialização incipiente no município e na região – voltadas à produção de leite industrializado, couro, sapatos e vestiários; como também a diversificação de atividades voltadas ao comércio e serviços, fundamentais na inserção das novas demandas econômicas impostas a região, voltadas a produção de capitais, que por sua vez favorecem determinadas parcelas de pessoas, tanto do local, quanto de outras regiões.

Entretanto, em se tratando de um trabalho que pretender desvendar as repercussões deste processo de transformações na produção para a população local, é que objetiva-se revelar como isto se rebete nos trabalhadores da região e do município, mais especificamente, a fim de verificar de que forma este processo repercute nas suas condições de vida; na perspectiva de entender e desvendar quem vem lucrando com tais transformações; e como o processo de trabalho materializado tem promovido alterações nestes espaços.

Por tudo isto é que acredita-se que o trabalho que embora em andamento, se propõe desenvolver e constitui-se de grande relevância para a região e o município, na busca de entender as relações existentes entre a sociedade e a produção do espaço, o que pode ser verificado pelas relações de trabalho que foram travadas neste espaço e suas repercussões – o que torna-se de grande importância para os estudos em Geografia, que tem como objeto a produção social do espaço. Além disso, desconhece-se trabalhos realizados sobre esta temática na região e no município, o que pode servir de referencial para trabalhos futuros que por ventura venham ser desenvolvidos. Por fim, pode-se dizer que trata-se de um trabalho geográfico, que tem por objetivo principal entender e desvendar as relações de trabalho historicamente desenvolvidas no município, a fim de contribuir no esclarecimento e nas condições de trabalho apresentadas ao trabalhador, constituindo-se, portanto, de um trabalho de cunho crítico social, que interessa a todos os geógrafos engajados na construção de uma sociedade mais justa, de oportunidades mais claras de dignidade e felicidade para todos os trabalhadores e para todos os homens de modo geral.

## REFERÊNCIAS

- ALBORNOZ, Suzana. *O que é trabalho*, São Paulo. Brasiliense, 1986.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. *Espaço e Indústria*. 5ª ed. São Paulo: Contexto, 1992
- CASTELLS, Manuel. *A Sociedade em Rede*. 7ª ed. São Paulo. Paz e Terra, 2003.
- CÔRREA, Roberto Lobato. *Trajetórias Geográficas*, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

DAMIANI, Amélia Luisa; CARLOS, Ana Fani Alessandri; SEABRA, Odete Carvalho de Lima (Orgs.). *O espaço no fim de século: a nova raridade*. 2ª edição. São Paulo: Contexto, 2001.

GIL, Antonio Carlos. *Como Elaborar Projetos de Pesquisa*. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2003.

GOMES, Horieste. *A Produção do Espaço Geográfico no Capitalismo*. São Paulo: Contexto, 1990.

LEFEBVRE, Henri. *A Produção do espaço*. Tradução Marlene Petras. Rio Claro: UNESP, 2000 (texto mineo).

MORAES, Antonio Carlos Robert; COSTA, Wanderley Messias da. *Geografia Crítica: A Valorização do Espaço*. São Paulo: HUCITEC, 1993.

OLIVEIRA, Carlos Roberto. *História do Trabalho*. São Paulo: Ática, 2003.

SANTOS, Jânio Roberto Diniz dos. *Relações de Produção e Modificações Sócio-Espaciais no Centro-Sul de Sergipe e no Litoral Norte da Bahia a partir da Citricultura*. (1960-2003). Salvador: UFBA. Mestrado em Geografia, 2004. (Dissertação de Mestrado).